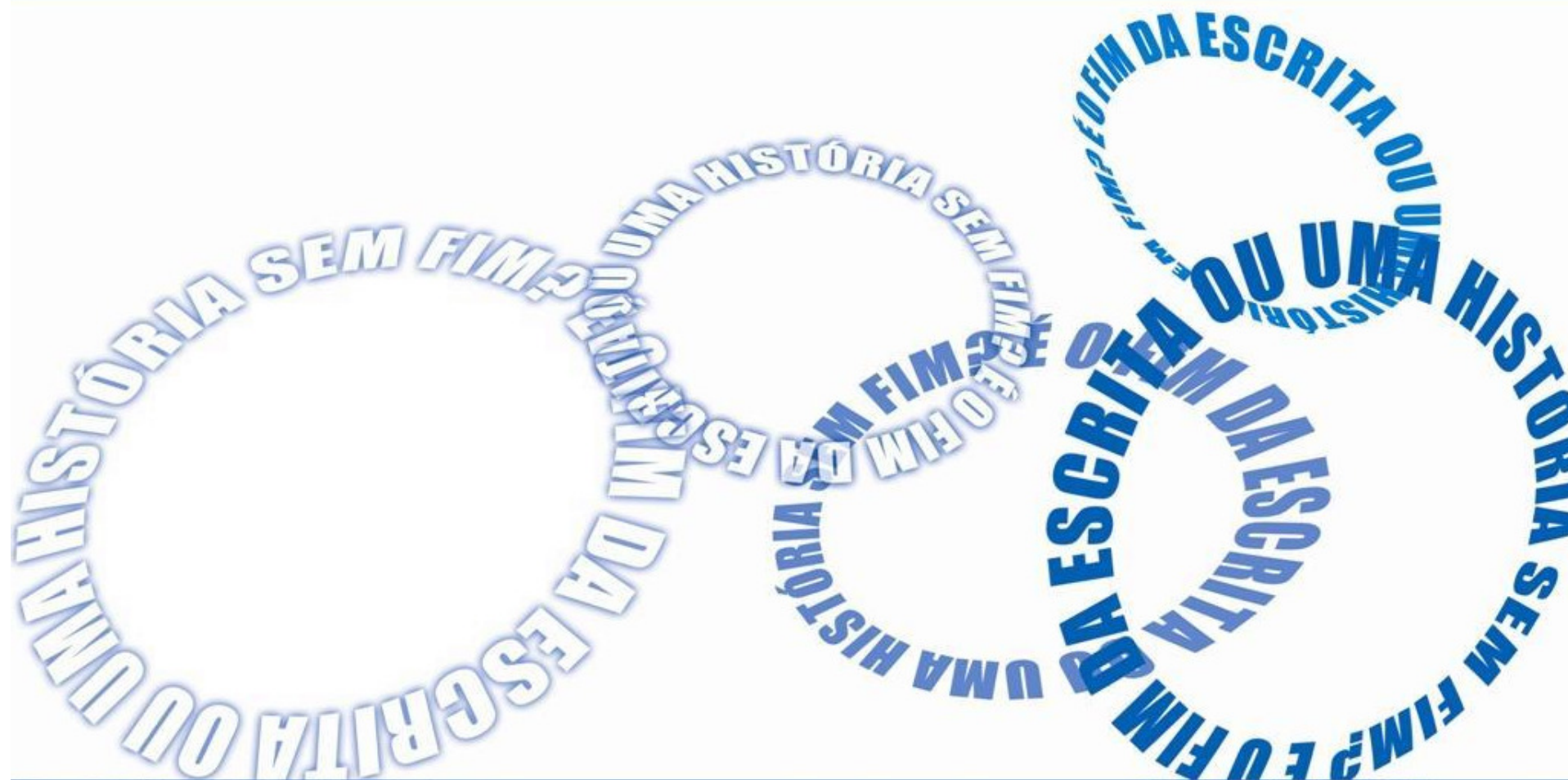


V WORKSHOP PRODUÇÃO ESCRITA E PSICANÁLISE É O FIM DA ESCRITA OU UMA HISTÓRIA SEM FIM?



V WORKSHOP PRODUÇÃO ESCRITA E PSICANÁLISE:

É O FIM DA ESCRITA OU UMA HISTÓRIA SEM FIM?

CADERNO DE HANDOUTS

Essa escrita negada, filha de muitos, sempre em movimento, invadiu quase todo o planeta, e insiste em cada lugar onde ainda não foi reconhecida. Tem ela outro destino que essa propagação constante? Conhece outra lei que essa travessia de fronteira que é a sua regra, a qual cada um deve se submeter a cada vez que quer escrever?

Gérard Pommier¹

Os arautos dos fins dos tempos apressam-se a afirmar que o fim da escrita é uma questão de tempo. Para eles, em face do crescente império do imaginário, falta pouco para que a escrita, tal qual a conhecemos, seja substituída por dispositivos icônicos. É como se estivéssemos prestes a trocar as letras pelos *emoticons* e assemelhados. Em 2008, os membros do *Grupo de Estudos e Pesquisa Produção Escrita e Psicanálise – GEPPEP* discutiram os impactos que os efeitos da globalização tiveram sobre a escrita e o seu ensino. Na ocasião, concluimos que esta visão sombria não se justificava. Parecia-nos que, em nossa civilização, os mais velhos ainda conseguem ajudar os mais novos a atravessar o espelho e a encontrar a chave da escrita. Nesta direção, iniciamos o projeto de pesquisa coletivo *Movimentos do Escrito*, no qual investigamos a relação do sujeito contemporâneo com o texto escrito e com o ato de escrever. Agora, primeira vez que vimos a público para dar a ver os resultados parciais desta pesquisa, tomamos como mote de nossos trabalhos o romance *História sem Fim*, de Michel Ende, publicado em 1979, com o título de *Die Unendliche Geschichte*, no original alemão². Assim, na trilha do encontro que Bastian tem com a possibilidade de escrever as linhas do próprio destino, propomo-nos a discutir o traçado do renascimento contemporâneo que se vislumbra por meio do trabalho de quem não se limita a lamentar um passado mítico, no qual todos aprendiam a escrever sem dificuldades.

¹ Tradução livre de fragmento da seguinte obra: POMMIER, Gérard. **Naissance et renaissance de l'écriture**. Paris: Presses Universitaires de France, 1993 : 191

² Todas as citações do texto literário foram retiradas de: ENDE, Michael. **A história sem fim**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

PROGRAMAÇÃO

Bastian estremeceu ao compreender o que acabava de ler. Era ele! A descrição coincidia em todos os detalhes. O livro começou a tremer em suas mãos. Decididamente, aquilo estava indo longe demais! Não era possível que, em um livro impresso, pudesse estar escrito algo que só se referia àquele momento e a ele. (*op.cit:76*).

Quinta-Feira, 29 de Outubro

08h00 – Entrega de Material e Recepção dos Participantes

08h30 – Abertura Oficial

9h00 – É melhor sozinho ou acompanhado? Intervenções de orientador

Finalmente, o velho fechou novamente o livro, deixando o dedo entre as páginas, e resmungou: — Preste atenção, menino! (*op.cit:4*)

Débora Cristina Mantelli Baghin Spinelli

Emari Andrade

Lisiane Fachinetto

11h00 – Textos abertos ou cabeças fechadas? O modo de produção e a leitura

Bastian teve a estranha sensação de que aquele toque desencadeara qualquer coisa que agora devia forçosamente seguir seu curso. (*op.cit:7*)

Débora Trevizo

Janaina Michele de Oliveira Silva

Valdir Heitor Barzotto

13h00 às 14h30 – Almoço

14h30 – Quem se apropria de quem? O aluno universitário e a teoria que ele estuda

Percebia agora que tinha entrado na loja por causa daquele livro, que o livro o tinha atraído de alguma forma misteriosa, porque queria pertencer a ele. (*op.cit:9*)

Mariana Aparecida de Oliveira Ribeiro

Mical de Melo Marcelino Magalhães

Suelen Gregatti da Igreja

16h30 – Referência ou reverência? Citação de estudante.

E, de repente, sentiu que aquele momento tinha algo de solene. Endireitou-se no assento, pegou o livro, abriu-o na primeira página e começou a ler. (*op.cit:12*)

Daniela Aparecida Eufrásio

Êmerson de Pietri

Fernanda Vilhena Mafra Bazon

Sexta-Feira, 30 de Outubro

9h00 – Enunciar é possível? O sujeito e a instituição

Se alguém, por descuido, pusesse o pé num desses lugares, o pé desaparecia também... ou a mão... ou tudo o que lá entrasse. Não doía. . . mas de repente a pessoa ficava com um pedaço a menos. Algumas pessoas atiravam-se de propósito lá para dentro, ao verem que o nada se aproximava demais. É que o nada exerce uma atração irresistível, tanto mais forte, quanto maior é o lugar. (*op.cit*:18)

Adriana Santos Batista

Eugénia de Jesus Neves

Francisca Soares

11h00 – A metalinguagem toca o dado? Recursos lingüísticos de Fantasia

Bastian estava com água na boca. Era como se, de repente, pudesse sentir o cheiro da refeição dos gnomos. Farejou à sua volta, mas é claro que tudo não passava de imaginação. (*op.cit*:68)

Daniel Santos Silva

Margarete Fátima Pauletto Sales e Silva

Sulemi Fabiano

13h00 às 14h30 – Almoço

14h30 – Alguém escolhe de onde enuncia? A linguagem, o sujeito e o outro

A imperatriz Criança leu o que estava escrito e era exatamente o que estava acontecendo naquele instante, ou seja: "A imperatriz Criança leu o que estava escrito". (*op.cit*: 141)

Andressa Cristina Coutinho Barboza

Claudia Maria Barbosa de Alencar

Márcia Romero

16h30 – É impossível escrever feliz sozinho? O sujeito, o outro e a escrita

Uma coisa é certa: você não me roubou este livro, porque ele não pertence a mim, nem a você, mas a alguma outra pessoa. Se não estou enganado, ele deve ter vindo de Fantasia. Quem sabe. (*op.cit*: 324)

Claudia Rosa Riolfi

Marisa Assunção Cirilo

Renata de Oliveira Costa

18h30 - Encerramento

29 de outubro – 9h00: É melhor sozinho ou acompanhado?

Intervenções do orientador

DIFERENTES MANEJOS DA TRANSFERÊNCIA E AS IMPLICAÇÕES PARA A PRODUÇÃO ESCRITA DO FUTURO PESQUISADOR: UM ESTUDO DE CASO

Débora Baghin Spinelli

Objetivo

Estudar os possíveis manejos da transferência, realizados por parte de duas orientadoras (P1 e P2), e as implicações desses manejos para a produção escrita de um aluno³ da área de Humanidades de uma universidade pública paulista (2005 a 2008).

Teoria mobilizada

LACAN (1964, 1966)

POMMIER (1993)

RIOLFI (RIOLFI & ANDRADE, 2009 e RIOLFI, no prelo).

Análise dos Dados

Posicionamento moral X ético, no manejo da transferência:

Excerto 1: Trechos de uma carta que P1 escreve ao aluno:

*Eu sei o quanto esse mestrado é importante para você, foi por isso que eu aceitei ser sua orientadora **quando a professora indicada não aceitou pois achou que você não preenchia as condições**. Eu apostei em você e continuo apostando mas talvez não seja nestes moldes pode haver um caminho melhor mais adequado para você (...)* (grifo meu)

verso da p.1: (...)O orientador, orienta, não pode fazer o trabalho do aluno, que sempre tem que se dedicar muito para perseguir seu tema. Fazer um mestrado em 3 anos exige **uma formação muito consistente que a maioria dos jovens de 24 anos como você não tem**. Por isso muitos alunos da educação são mais velhos, ficam mais tempo se preparando, fazem especialização, participam de grupos de estudo, **trabalham para ter mais experiência e maturidade**.(grifo meu)

p.3 (...) Se você decidir fazer a qualificação e continuar tentando fazer o mestrado nos moldes estabelecidos 3 anos **seu prazo é 21 de Fevereiro 2007**(P1 risca o 7 e coloca 8)**2008** terá que trabalhar muito e cumprir rigorosamente todas as exigências

³ Os dados analisados fazem parte do projeto *Movimentos do Escrito (GEPPEP)*, e pertencem aos manuscritos produzidos pelo informante Exedito.

de um trabalho desta natureza e também estar preparado tanto para uma aprovação como para uma reprovação

Que Deus te ilumine

Professora (1º nome da professora) (grifo meu)

Excerto 2: E-mail enviado por P2 ao aluno em 13 de Dezembro de 2007, intitulado “*Re: Considerações Finais*”

*Li e revisei o começo. Parei, tenho reunião na sequência. **Pra uma qualificação, deu. Vai com fé***. (grifo meu)

Excerto 3: E-mail enviado por P2 ao aluno em 19 de Janeiro de 2008, intitulado: “**Capítulo 1 ainda ta frágil**” (grifo meu)

Mando de volta com algumas colaborações. Entretanto, não foram conclusivas. Precisa refinar muito o texto ainda. Vc já sabe como vai passar o domingo portanto. Bom trabalho, (1º nome da orientadora)

Conclusão

O posicionamento moral no manejo da transferência por parte de P1 colaborou para a inércia criativa do mestrando e, conseqüentemente, para o fracasso do trabalho. P2, através de um manejo ético, proporcionou ao aluno um deslocamento, uma relação diferente com o próprio sintoma (Pommier, 1993), propiciando a produção escrita. Como fez o livreiro, em *A História Sem Fim*, P2 deixou o dedo entre as páginas do livro, convocando o desejo do aluno.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, E. e RIOLFI, C. R. (2009) Ensinar a escrever o texto acadêmico: as múltiplas funções do orientador. In: *Trabalhos em Lingüística Aplicada*. Campinas: Unicamp, Jan/Jun, pp.99-118.

LACAN, J. (1964) *O Seminário. Livro 11*. Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1976.

LACAN, J. (1966) *Intervenções sobre a transferência*, em *Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

POMMIER, G. (1993) *Naissance et renaissance de l'écriture*. Paris: Presses Universitaires de France.

RIOLFI, C. (no prelo) *É Possível Falar de Amor na Relação Pedagógica Globalizada?*

29 de outubro – 9h00: É melhor sozinho ou acompanhado?

Intervenções do orientador

ENSINAR A ESCREVER O TEXTO ACADÊMICO: AS INTERVENÇÕES DO ORIENTADOR NA ESCRITA DE SEU ALUNO

Emari Andrade

Objetivo

Estudar o laço social estabelecido entre orientador e aluno e mostrar a necessidade de que ambos suportem o imprevisível advindo do inconsciente para que o aluno possa construir um percurso de pesquisa.

Teoria mobilizada:

- O trabalho de Pommier (1993).
- O conceito de *Formacriação*, elaborado por Riolfi (2001:18).
- A elaboração de Lacan (1969-1970) de discurso como *laço social*.

Análise dos dados

- **Pressuposto:** No nível do imaginário, a lógica é: para escrever basta dar orientações a cada aluno para que ele saiba o que fazer.

Excerto do manuscrito 32, do banco de dados da informante Bridget:

Agosto
- escrever o capítulo 5; - scanear todas as imagens que serão utilizadas para compor a tese. Entrega: 26/08/2005.
- Trabalhar a noção de eu ideal e ideal de eu.
- Texto base: Psicologia das massas e análise do eu, em especial capítulo 7.
- Envio da resenha: 19/08/2005.
<i>Apresentação:</i> uma pequena página
<i>Parte I:</i> Dissertação com buracos. Evidentemente não vai a conclusão! Os demais capítulos devem estar montados, com pequenas sinopses do que será quando ficar pronto. Se o trabalho vai ter 100 páginas, a parte 1 terá 60.
<i>Parte II:</i> relatório de créditos e demais trabalhos.

- *A falência da lógica:* a orientanda mantém o roteiro como um guia não-reconhecido por sete meses. Não articula o *saber-fazer*.

- Aceitação da parceria e a escolha da escrita como um sintoma privilegiado para a construção de algo novo.

Excerto do Manuscrito 54 (primeira versão do capítulo 3)

Acho que essa tentativa, quando ela virar um texto, fará parte do capítulo 4, que obedece de acordo com o nosso sumário ao seguinte esquema: 4 O ideal e seus efeitos na constituição da subjetividade humana/ 4.1 Subjetividade 4.2 Os três registros do aparelho psíquico/ 4.3 Identificação
Pelos meus cálculos, entrará no item 4.3, depois que do que consegui extrair do Freud (...). Suponho que deve ser a idéia “Freud descobriu algo, Lacan fez isso avançar de tal e tal maneira.” Assim, li A carta roubada pensando que nesse texto encontraria algo sobre identificação e imaginário. Embora eu tenha aprendido que “só” ler Lacan, é o mesmo que não ler, pois a gente tem que pesquisar, procurar no mínimo no mínimo um dicionário de psicanálise, aconteceu que, pra mim foi impossível compreender de que maneira o comentário do texto do Poe tem a ver com o esquema L. (...) Pra poder escrever alguma coisa, optei por tentar falar do que o Lacan fala a partir do conto.

Conclusão

No processo de orientação é preciso levar em consideração o inconsciente. Vislumbra-se, portanto, a possibilidade para aquele que escreve no mundo contemporâneo, de se responsabilizar pela construção do próprio destino, assim como fez Bastian.

— Fiz tudo errado, disse, não percebi nada. A Filha da Lua me deu muitas coisas, mas, com elas, só causei desgraças a mim e a Fantasia.

A Dama Aiuola olhou longamente para ele.

— Não, respondeu, acho que não. Você percorreu o caminho dos desejos e ele nunca é reto. Você fez um grande desvio, mas era o *seu* caminho. (ENDE, 1993: 360)

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Emari e RIOLFI, Claudia Rosa (2009). Ensinar a escrever o texto acadêmico: as múltiplas funções do orientador. In: *Trabalhos em Lingüística Aplicada*. São Paulo: Campinas. Jan/Jun, pp. 99-118.

ENDE, Michael. *História sem fim*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

LACAN, Jacques. (1969-1970). *O Seminário. Livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

RIOLFI, Claudia R. (2001) Formacriação. In: *Revista Línguas & Letras*. Unioeste, Cascavel, PR.V.2, pp.13-18.

_____. (2009) A sala de aula é lugar de encontro com o Real? Palestra proferida por ocasião do VIII SMELP na FEUSP.

POMMIER, Gérard. (1993) *Naissance et renaissance de l'écriture*. Paris: Presses Universitaires de France

29 de outubro – 9h00: É melhor sozinho ou acompanhado?
Intervenções do orientador
O LAÇO QUE UNE ORIENTADOR E ORIENTANDO E SEUS
EFEITOS NA ESCRITA ACADÊMICA

Lisiane Fachinetto

Objetivo:

Estudar de que maneira o manejo da transferência feito por uma orientadora contribui para a retroação de uma aluna sobre sua produção escrita, de modo a levá-la a se responsabilizar pelo seu trabalho.

Teoria mobilizada:

O conceito de transferência de Freud (1912) e a releitura proposta por Lacan (1951; 1964).

A ideia proposta por Pommier (1993), segundo a qual a falha (os lapsos) na escrita consiste no retorno do recalçado.

Análise dos dados:

Indícios de transferência: pedido de orientação e resistência

E-mail enviado pela aluna

“Espero que ainda esteja disposta a orientar a minha monografia, apesar das férias. Em função disto estou lhe enviando em anexo o rascunho do primeiro capítulo, a partir do meu entendimento sobre o que conversamos.”

A aluna não anexa o arquivo

Análise: a aluna recoloca o pedido de orientação ao mesmo tempo em que o lapso de não anexar o arquivo aponta para certa resistência à orientação.

O orientador à disposição da transferência

E-mail de resposta da orientadora

“Bem, primeiro eu ainda estou disposta a orientar a tua monografia [...] Segundo, o arquivo não foi anexado. Aguardo o material.”

A falta como condição para a reescrita

E-mail enviado pela aluna

“Estou te enviando a primeira versão do terceiro capítulo. Eu não gostei muito do que escrevi, acho que falta alguma coisa.”

Conclusão:

No processo da escrita obstáculos se interpõem entre o sujeito e sua escrita. A parceria entre o orientador e orientando cria a transferência, sendo que o manejo da mesma pelo orientador possibilita que o aluno ingresse num processo de reescrita que o faz rever a sua posição frente à própria escrita.

Referências Bibliográficas:

FREUD, S. (1912/1987) *Dinâmica da transferência*. v. XII, Rio de Janeiro: Imago.

LACAN, Jacques. (1951/1998). *Intervenção sobre a transferência*. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

_____ (1964/1998) *O Seminário*. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

POMMIER, Gérard. (1993) *Naissance et renaissance de l'écriture*. Paris: Presses Universitaires de France.

29 de outubro – 11h00: Textos abertos ou cabeças fechadas? O modo de produção e a leitura
A QUESTÃO DA FORMA EM RELATÓRIOS DE ESTÁGIO: UM CURSO FORÇADO?

Débora Trevizo

Objetivo

O presente trabalho busca refletir, a partir da análise de um relatório de estágio de um aluno do curso de licenciatura em Letras, a respeito dos modos como a escrita acadêmica tem sido realizada no âmbito da graduação.

Teoria mobilizada

Para a realização do trabalho, recorreu-se à Psicanálise, especificamente ao que concerne à inserção do sujeito no simbólico e no imaginário (Lacan, 1972-73), conceitos pressupostos na discussão de Pommier (1993).

Análise dos dados

- 1 *De acordo com Perrenoud, apenas a transmissão de conteúdo é pouco*
- 2 *para o completo aprendizado do aluno: é necessário prepará-lo para*
- 3 *os desafios da vida, ou seja, desenvolver competências. Afinal, os*
- 4 *exercícios escolares clássicos permitem a consolidação de noções,*
- 5 *mas não trabalham a transferência para a prática. Portanto é*
- 6 *importante relacionar os saberes, e isso é papel do professor frente*
- 7 *aos alunos. Ainda de acordo com Perrenoud,*
- 8 *...assimilando intensivamente tantos saberes, não se tem tempo de*
- 9 *aprender a servir-se deles, e futuramente ter-se-á a necessidade disso*
- 10 *na vida quotidiana, familiar, associativa, política [...]*
- 11 *Partindo da teoria de Umberto Eco, que afirma [...]*

Focando a bibliografia citada no final do relatório, observa-se que apenas um dos autores (Philippe Perrenoud) é aludido no corpo do texto. A respeito disso, duas hipóteses são feitas: 1) apesar de a bibliografia não estar relacionada à análise de dados ou ser utilizada para fazer discussão, é inserida porque, no âmbito formal, um texto acadêmico necessita possuir esta parte; 2) os autores citados pelo aluno podem ter sido colocados na bibliografia porque foram tratados em aula. Por meio da análise dos dados, é possível considerar a hipótese de que o estudante tenha preenchido seu relatório com alusões a autores, citações e bibliografia (não mencionada no corpo do texto) com o objetivo de responder ao que acha que é a escrita acadêmica.

Conclusão

Conclui-se que diante de uma demanda recebida na graduação – elaborar um relatório de estágio – o aluno pode lidar com ela de duas formas: 1) tratar a escrita acadêmica como uma imagem vinculada somente à estrutura formal do que é um texto produzido na universidade; 2) organizar, logicamente, a estrutura formal do texto, a mobilização de uma linha teórica (ou debate de determinado autor) e a análise dos dados.

Referências Bibliográficas

LACAN, Jacques (1972-73). *O Seminário. Livro 20: Mais, Ainda*. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 1982.
POMMIER, Gerard. *Naissance et renaissance de l'écriture*. Paris: Presses Universitaires de France, 1993.

29 de outubro – 11h00: Textos abertos ou cabeças fechadas? O modo de produção e a leitura
IMAGENS DE TEXTO: ENTRE FANTASIAS E CAMINHOS
Janaina Oliveira Silva

Objetivo

Observar, na análise de texto publicitário, como a solidificação de uma imagem cunhada no/pelo sentido instituído no texto pode valer-se apenas do imaginário do sujeito para assegurar (ou não) o condicionamento mercadológico.

Sustentação teórica

Mobilizamos reflexões propostas por Pommier (1993) ao tratar da passagem da escrita icônica à escrita alfabética. A elas associamos a condição processual na elucidação de sentidos na representação imagética trazida pelo texto publicitário. Desse modo, nossa discussão convergiu ao aparato teórico da Análise do Discurso, ressaltada na obra de Pêcheux (1997) ao sustentar que o sentido é realizado na relação com a exterioridade e de acordo com o uso que se faz dele para então significar.

Análise de dados

Os dados

Slogan 1
(Ilustração 1)

Os outros carros você guarda na garagem.

Um Honda você guarda no coração.

Slogan 2
(Ilustração 2)

A chave da felicidade
é a que liga o novo Honda Fit.

Análise

Podemos pontuar, em termos gerais, três aspectos:

- i) ainda que o público-alvo das propagandas seja diferente, elas dialogam entre si pelo estabelecimento do sentido;
- ii) a noção de felicidade ligada à compra do produto;
- iii) qualidades dadas ao produto são transferidas, pelo discurso, a quem tem o produto.

Considerações finais

A análise dos dados permite-nos afirmar que a estrutura do texto publicitário está constituída de modo a convergir os sentidos do enunciado a capturar quem o lê, instaurando no sujeito uma sensação de necessidade, ainda que falseada, de querer ter o objeto comercializado para ter os atributos concebidos ao produto. Contudo, se levarmos em consideração que é o uso que o sujeito faz desse texto que concede a ele determinado sentido, abre-se a possibilidade de o sujeito deslocar-se da posição cômoda aliada ao imaginário para instaurar-se a caminho de uma responsabilização pessoal.

Referências Bibliográficas

PÊCHEUX, M. Discurso e ideologia. In: *Semântica e discurso – uma crítica à afirmação do óbvio*. Cap. III. 3ª ed. Campinas/SP. Ed. da Unicamp. 1997.
POMMIER, G. *Naissance et renaissance de l'écriture*. Paris. PUF. 1993.

**29 de outubro – 11h00: Textos abertos ou cabeças fechadas? O modo de produção e a leitura
POR UM TOQUE, RECOLHER-SE NO ESCRITO**
Valdir Heitor BARZOTTO

Objetivo

Buscar respostas para a seguinte pergunta: Que produção conseguimos oferecer quando somos convocados a escrever e estamos expostos a uma grande oferta de textos para leitura?

Teoria mobilizada

A busca a que nos propomos, será feita por meio da análise de textos escritos em situação de formação observando em especial os modos de transposição de um texto para outro. Portanto, além das teorias de leitura mais correntes e da obra de Pommier, *Nascimento e renascimento da escrita*, serão consideradas noções como a de *discurso público* sobre a língua (Schlieben-Lange, 1993), de *escritura* (Certeau, 1994), *corpo despedaçado e estádio do espelho* (Lacan, 1949 e 1958).

Análise dos dados

Para este trabalho, vamos considerar apenas afirmações que aparecem nas leituras feitas pelo aluno em formação e em seu próprio texto, tais como “o professor não ensina leitura”, sejam incorporadas de acordo com as regras de citação ou não.

Conclusões

Até o momento, podemos afirmar que há indícios de que a redefinição da escrita esteja promovendo um aprisionamento deste sujeito num labirinto de textos no qual imerge cada vez mais em seu cotidiano. Isso compromete a leitura e participação na produção do conhecimento.

Referências Bibliográficas

- CERTEAU, Michel. *A invenção do Cotidiano 1. Artes de fazer*. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1994.
- POMMIER, Gérard. *Naissance et renaissance de l'écriture*. Paris: Presses Universitaires de France, 1993
- SCHLIEBEN-LANGE, B. (Trad. Fernando Tarallo et. al.) *História do Falar e História da Lingüística*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.
- LACAN, J. (1949) « Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je telle qu'elle nous est révélée dans l'expérience psychanalytique ». *Écrits*. Éditions du Seuil, 1966.
- LACAN, J. Remarque sur le rapport de Daniel Lagache : « Psychanalyse et structure de la personnalité ». *Écrits*. Éditions du Seuil, 1966.

29 de outubro – 14h30: Quem se apropria de quem? O aluno universitário e a teoria que ele estuda

RELATAR A PESQUISA: APRENDER A ESCREVER E SE INSCREVER

Mariana Aparecida de Oliveira Ribeiro

Objetivo

Investigar como uma pesquisadora, para inserir-se em uma comunidade científica, registra sua lida com a teoria que embasou sua pesquisa.

Teoria mobilizada

- A distinção entre imaginário e simbólico;
- Discurso-corrente (LACAN, 1972-1973) e
- Discurso enquanto laço social (LACAN, 1968-1969)

Corpus

Dois relatórios finais de uma mesma informante, denominada Maria, produzidos em dois momentos distintos de sua formação: a iniciação científica e o doutorado.

Análise dos dados

1º excerto

Retirado da conclusão do relatório de Iniciação Científica de Maria.

- 01 (...) Os resultados dos testes e exercícios para da 3º para a 4º sé-
02 rie, não demonstraram, de um modo geral, diferenças sensíveis. Esse fato evi-
03 dencia o lento desenvolvimento da aquisição do código escrito em crianças
04 submeti-
05 das a um intenso aprendizado da língua portuguesa nas escolas públicas.
06 Parece-
07 nos, pelos resultados obtidos, que os métodos e conteúdos do ensino são
08 inefica-
09 zes e que os professores não conseguem conduzir o ensino mais eficiente.
Há, nessas escolas, uma ênfase exagerada na correção dos ERROS gramaticais
sem
que os professores compreendam os pressupostos utilizados pelas crianças na
exe-
cução desses “erros”.

2º excerto

Retirado do segundo capítulo, de embasamento teórico da informante.

- 01 É importante esclarecer, logo no início dessa seção, que estamos utilizando o
termo
02 *língua oficial* ou *padrão* ou *de Estado* para denominar o que é designado
“língua
03 nacional” em estudos em outros campos das Ciências Humanas, como História
04 Sociologia, em certas abordagens da Lingüística e Lingüística Aplicada. (...)
05 (...) Como veremos na análise dos registros desta pesquisa, essa distinção faz-se
06 necessária, porque tomar a língua portuguesa apenas como *língua nacional e*
materna
07 não é suficiente para explicar seu funcionamento nos registros coletados para
esta
08 pesquisa.

Considerações finais

Concluimos que a escrita pode assumir o papel de mediadora entre o sujeito e o saber, de modo a alterar posição inicial do escritor. No caso analisado, observamos a passagem de um discurso comum, mediado pelo imaginário, a um discurso enquanto laço social, mediado pelo simbólico.

Referências Bibliográficas

LACAN, Jacques (1972). *O seminário livro 20: mais ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982.

_____(1968-1969). *O seminário 17. O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

POMMIER, Gérard. *Naissance et renaissance de l'écriture*. Paris: Presses Universitaires de France, 1993.

**29 de outubro – 14h30: Quem se apropria de quem? O aluno universitário e a teoria que ele estuda
POR UMA ÉTICA DA CRIAÇÃO: O SUJEITO E SUA
RELAÇÃO COM A TEORIA NA FORMAÇÃO
UNIVERSITÁRIA**

Mical de Melo Marcelino Magalhães

Objetivo

Observar como o conhecimento teórico é mobilizado nos textos produzidos por professores em formação (especificamente, alunos de um curso de Pedagogia), quando convocados a articulá-lo na análise de experiências práticas em sala de aula.

Teoria mobilizada

- A escrita emprestada como uma ambição de ultrapassar os efeitos do recalçamento e os posicionamentos frente ao agente paterno. (POMMIER, 1993).
- Modalizações de agenciamento subjetivo na escrita. (RIOLFI & MAGALHÃES, 2008).
- A alienação ao campo do Outro (LACAN, 1978)

Análise dos dados

VERSÃO 1	Constava de um esboço de pesquisa (um pequeno texto com pergunta de pesquisa, justificativa, objetivos); uma exaustiva resenha dos textos indicados pela professora para subsidiar o trabalho ou de leituras realizadas em sala de aula (cerca de 20 páginas); cerca de 10 redações de alunos, <i>corpus</i> do trabalho.
VERSÕES INTERMEDIÁRIAS (cerca de 6 versões completas, além de re-facções de fragmentos)	Primeira tentativa de seleção dos conceitos pertinentes ao trabalho; esboços de olhar interpretativo construído a partir da apropriação teórica; construção textual calcada na palavra do outro (grande número de citações e paráfrases) Exemplo: <i>versão de 3 páginas, com 7 citações diretas e 4 paráfrases.</i>

VERSÃO FINAL (em forma de artigo aprovado e publicado em anais de evento da área)	Ensaio de apropriação subjetivada da teoria: “ <i>O aluno J.V é um exemplo de que o desenvolvimento da leitura e escrita começa bem antes da escolarização. Ele não é um aluno que possa se dizer alfabetizado, mas já é capaz de produzir um texto –enquanto construção mental - mesmo com dificuldade de transpor para o papel – enquanto materialidade textual.</i> ”
--	--

Conclusão

1. O percurso que se faz rumo à escrita, pautada por uma “ética da criação”, em nada se relaciona com maturação ou prontidão. Antes, tem como ponto de partida um posicionamento subjetivo daquele que escreve frente aos saberes mobilizados e àquele a quem direciona sua produção.
2. O tempo de escrita aqui descrito, por mais catastrófico que possa parecer, pode ser uma etapa integrante de um período de progressão qualitativa, na mesma medida em que o status das relações estabelecidas entre sujeito e teoria também se reorganiza.
3. A natureza da intervenção do professor-orientador tem participação nesse percurso, cabendo a ele encontrar indícios dos quais possa partir na proposta de construção de uma ética de criação por parte de seu aluno, enquanto aquele que escreve.

Referências bibliográficas

- LACAN, J. “A instância na letra no inconsciente ou a razão desde Freud”. In: *Escritos*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- POMMIER, G. *Naissance et renaissance de l'écriture*. Paris: Presses Universitaires de France, 1993.
- RIOLFI, C. R. & MAGALHÃES, M. M. M. “Modalizações nas posições subjetivas durante o ato de escrever.” In: *Estilos da Clínica*, São Paulo, SP, v. 13, p. 98-121, 2008.

29 de outubro – 14h30: Quem se apropria de quem? O aluno universitário e a teoria que ele estuda
APRENDENDO A ESCREVER: DA REFERÊNCIA À SIMBOLIZAÇÃO

Suelen Gregatti da Igreja

Objetivo

Estudar os modos por meio dos quais um sujeito em formação estabelece relações entre sua pesquisa e o legado cultural que o antecedeu.

Teoria mobilizada

- A descoberta da escrita na história da humanidade segue os caminhos da aprendizagem da escrita por cada ser humano. (POMMIER, 1993).
- *Trabalho de escrita*: o ato de escrever um trabalho deliberado de escrita, ao passo que a escrita trabalha no sujeito, fazendo com que ele mude de posição com relação ao próprio texto. (RIOLFI, 2003: 47).
- *Heterogeneidade discursiva mostrada* (AUTHIER-REVUZ, 1990).
- Aquisição da linguagem (LEMOS, 2001).

Análise dos dados

Versões	Que referências aparecem no corpo do texto	Tempos de incorporação do conhecimento
1 e 2	<i>Psicanálise (relação do sujeito com o outro e a construção da singularidade)</i> <i>Seminário 4 do Lacan – A relação do objeto</i>	Tempo de promessas
3	<i>Inconsciente freudiano; sujeito dividido</i>	Tempo de ecolalia
4	<i>Inconsciente freudiano, Freud (1901)</i> <i>Sujeito dividido Lacan (1960)</i>	Tempo de heterogeneidade mostrada
5 e 6	<i>Inconsciente freudiano, Freud (1901)</i> <i>Sujeito dividido Lacan (1960)</i> <i>Allouch (1995)</i>	Tempo de articulação simbólica

Tempos de incorporação do conhecimento: referências à Psicanálise

Conceito de inconsciente freudiano	Conceito de sujeito dividido
<i>“A presente pesquisa parte da hipótese do inconsciente freudiano cuja premissa é a de que, em toda produção oral ou escrita de um sujeito qualquer há uma parte de não-saber (...)”</i>	<i>“Decorre disso uma concepção de sujeito dividido”</i> 1. O eu – responsável pelo planejamento consciente da linha argumentativa e; 2. O sujeito – aquela que invisível e inexoravelmente se imiscui à produção de “eu” dando um “colorido particular” à argumentação planejada, isto é, gerando um estilo singular.”

Primeiras ocorrências de conceitos da Psicanálise- 3ª versão do projeto de mestrado.

Conclusão

O pesquisador se inscreve no texto que produz quando consegue administrar a heterogeneidade marcada. Ao render as homenagens devidas ao legado que o precedeu ele se separou do parceiro imaginário (o orientador) e, na superfície do seu texto, constitui-se enquanto pesquisador, reconstituindo o percurso pelo qual se constituiu a área e os conceitos mobilizados.

“Todos os que nos vêm visitar aprendem coisas que só aqui podem aprender e regressam modificados ao seu mundo. (...) Descobrem de repente maravilhas e segredos onde outrora só viam a monotonia do cotidiano.” (ENDE, Michael: 129)

Referências Bibliográficas

- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline (1990) Heterogeneidade(s) enunciativa(s). Tradução de Celane Cruz e João W. Geraldí. *Cadernos de estudos lingüísticos*. jul/dez. Campinas.
- ENDE, Michael. *História sem fim*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- POMMIER, Gérard. (1993) *Naissance et renaissance de l'écriture*. Paris: Presses Universitaires de France.
- LEMOS, Cláudia T. G. (2001). “Das vicissitudes da fala da escrita e de sua investigação”. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas: 41-69, Jan/Jun, 2002.
- RIOLFI, Claudia Rosa. Ensinar a escrever: considerações sobre a especificidade do trabalho da escrita. In: *Leitura: Teoria e Prática*, Campinas, SP, v. 40, p. 47-51, 2003.

29 de outubro - 16h30: Referência ou reverência? Citação de estudante

CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DE UMA ESCRITA IRREVERENTE

Daniela Eufrásio (UNIFAL-MG)

Fernanda Bazon (UNIFAL-MG)

Objetivo

Analisar as diferentes versões de um projeto de Iniciação Científica (IC) produzidas por uma mesma aluna, entre 2006 e 2008⁴, focalizando como o iniciante na pesquisa dialoga com o saber acadêmico e se, ao estabelecer este diálogo, é capaz de encontrar espaço para não somente aliar-se a uma teoria alheia, mas, a partir dela, encontrar modos de sustentar uma produção de conhecimento que lhe pareça relevante e que o faça mover em direção à busca das respostas que lhe interessam.

Teoria mobilizada

FOUCAULT (1970)

LACAN (1964, 1969, 1970, 1972, 1973)

RIOLFI (2009)

Análise dos dados

EXCERTO 1

O presente estudo toma o “*Programa de Formação de Professores Alfabetizadores – Letra e Vida*”, [...]. Especificamente, trataremos do programa desenvolvido pela Secretaria de Estado da Educação de São Paulo.

O interesse surgiu a partir do contato com a afirmação de domínio público segundo a qual a educação, em particular no período dedicado à alfabetização, constitui motor para o desenvolvimento social e político de um povo [...].

No Brasil, a partir da década de 80, ampliaram-se as discussões acerca das colaborações elaboradas a partir do trabalho de Piaget. Em especial, houve grande interesse em estudar as colaborações de Emília Ferreiro, uma das autoras de um livro que acabou se tornando “manual” de muitos profissionais em Educação, que passaram a se auto-intitular “construtivistas” e a rejeitar os chamados métodos “tradicionais”.

⁴ Os dados analisados fazem parte do projeto *Movimentos do Escrito* (GEPPEP).

Estudaremos os efeitos da inserção das teorias construtivistas em uma classe de alfabetização da rede pública do estado de São Paulo. Em especial, visaremos a investigar como tais mudanças se refletem no processo de aquisição de escrita dos alunos das primeiras séries do Ensino Fundamental.

Ressalte-se que não pretendemos comparar ou julgar métodos de ensino, tampouco temos a intenção de avaliar professores e/ ou teorias e metodologias, mas refletir sobre o que acontece nas escolas estaduais no que diz respeito a aquisição de escrita, levando em consideração que, mais de vinte anos depois das primeiras publicações sobre as teorias construtivistas no Brasil, muitos professores ainda se sentem inseguros e até mesmo desinformados, sobre uma teoria que seria uma “novidade”, ainda que difundida no meio educacional desde meados dos anos 80.

ESCREVE 3 LINHAS DIZENDO O QUE VC QUER, ENTÃO. Ok (Ms. 1; p. 2)

EXCERTO 2

Por outro lado, há uma tendência ao que Mortatti (data), chama de “entusiasmo pelo que é novo”, que se mostra numa “tensão constante entre modernos e antigos – ou entre mais modernos e modernos”. Para aqueles que se intitulam “mais modernos”, a mudança exige uma “diferenciação qualitativa”, ou seja, para que a mudança ocorra é necessário “produzir uma versão do passado, e desqualifica-lo, como se se tratasse de uma herança incômoda, que impões resistências à função do novo, especialmente quando a filiação decorrente (embora, muitas vezes, não assumida) da tradição atuante no presente ameaça fazer voltarem à cena os mesmos personagens do passado, que seus herdeiros desejam esquecer, rever ou aprimorar.” (p. 299)

Esse movimento de desqualificação do “passado”, como sendo uma resistência à “novidade”, não se verifica apenas no período das primeiras publicações baseadas nas teorias construtivistas, mas é recorrente sempre que um novo método ou teoria em alfabetização começa a ser divulgado:

“Visando a ruptura com seu passado, determinados sujeitos produziram, em cada momento histórico, determinados sentidos que consideravam modernos e fundadores do novo em relação ao ensino de leitura e escrita. Entretanto, no momento seguinte, esses sentidos acabam por ser paradoxalmente configurados, pelos pósteros imediatos, como um conjunto de semelhanças indicadoras de continuidade do antigo, devendo ser combatido como tradicional e substituído por um novo sentido mais moderno.” (Mortatti, data, p. 23) (Ms. 1; p.3)

EXCERTO 3

Esquema:

Modelo y (tradicional e ineficaz) -> Divulgação do Modelo x (que seria “moderno” e eficiente) -> Verificação de que o Modelo x é na verdade uma continuação do Modelo y -> negação do Modelo x (tradicional e ineficaz) -> Divulgação do modelo z (que

seria “moderno”) **coloquei essa parte depois de ter mostrado o trabalho pro orientador... perguntar se cabe... DE QUE MODO? O RACIOCÍNIO ESTÁ TRUNCADO ok** (Ms. 1; p.3)

EXCERTO 4

Como podemos ver, a história recente da alfabetização no Brasil, é constituída de um ciclo, de negação. afirmação, aceitação, negação e substituição de modelos, que pode ser visualizado com mais clareza no esquema abaixo:



(Ms.2; p. 3)

EXCERTO 5

TERMINA EXPLICANDO COMO ESTE PROJETO SE LEMBRA AO OBJETIVO INICIAL (Ms. 2; p. 7)

EXCERTO 6

A PARTE PINTADA DE AMARELO PRECISA SER ESCRITA EM PORTUGUÊS!!!! ME PERDI TODA. ESTÁ RESENHANDO O PLANO? POR QUE ABDICOU DAS REFERÊNCIAS? NÃO ESTÁ DANDO PARA COMPREENDER OS NEXOS IDEACIONAIS, NEM O QUE VC COPIOU DO PLANO, NEM O QUE É OPINIÃO SUA, ENFIM, NÃO TENHO NEM COMO AJUDAR.

AO QUE PARECE, VC RESENHO UM DOCUMENTO OFICIAL, NÃO APRESENTOU FATO NENHUM E NEM DEIXOU CLARO O QUE VC TEM A DIZER A PARTIR DE SUA EXPERIÊNCIA DE EDUCADORA. PRECISA TERMINAR ESTE PEDAÇO (Ms. 7; p. 4-5)

EXCERTO 7

Metodologia

AQUI PRECISA DE UM PARÁGRAFO INTRODUTÓRIO, QUE AINDA NÃO ESTÁ ESCRITO (Ms. 7; p. 6)

Conclusão

Os resultados iniciais deste trabalho confirmam que, quanto às discussões que priorizam a reflexão sobre a produção de conhecimento, é valioso o questionamento sobre o que move alguém quanto à relação que mantém com o saber.

Referências Bibliográficas

- FOUCAULT, M. (1970) *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- LACAN, J. (1964) *O Seminário. Livro 11*. Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1976.
- LACAN, J. (1969-70) *O Seminário. Livro 17*. O avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.
- LACAN, J. (1972-3) *O Seminário. Livro 20*. Mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- RIOLFI, C. *A escrita do professor: registrando a própria prática e construindo novas realidades*. Versão impressa, 2009.

29 de outubro - 16h30: Referência ou reverência? Citação de estudante

EM BUSCA DE UM *CORPUS*: ANÁLISES DE ESCRITA ESCOLAR

Emerson de Pietri

Objetivo

O presente trabalho tem o objetivo de caracterizar os modos de relação que se estabelecem com o discurso do outro em textos acadêmicos. O *corpus* da pesquisa é composto por dissertações e teses que possuem a escrita escolar como objeto de suas análises. São observados os anos finais da década de 70 do século XX, quando o texto escrito produzido em situação escolar se constituiu em objeto de interesse de diferentes instâncias, no Brasil, segundo questões de ordem pedagógica, acadêmica e/ou oficial. Trata-se, portanto, dos momentos de emergência de novas possibilidades discursivas.

Teoria mobilizada

A presente pesquisa se fundamenta em elementos teóricos desenvolvidos no campo da psicanálise (LACAN, 1966), em discussões acerca do desenvolvimento das possibilidades de escrita (POMMIER, 1993). A hipótese com que se trabalha é a de que a constituição da escrita em objeto de análise se tornou possível quando seu produto escolar foi situado no lugar de uma ausência, isto é, quando considerado, em investigações acadêmicas, como um espaço vazio, um lugar do equívoco, da falta, da latência de algo cuja existência se encontra em outro lugar e que pede para ser reencontrado. Uma vez definida a ausência, produzem-se as diversas tentativas de precisar a forma desse corpo perdido. Nos movimentos (teóricos) que perfaz, o pesquisador deixa seus traços nos espaços que se constroem entre a escrita ausente (a desejada) e a escrita de fato (o *corpus* de análise).

Análise dos dados

Das dissertações e teses analisadas, foram observadas passagens em que se fizessem reproduções *ipsis litteris* dos textos citados, de forma destacada do texto citante. Registraram-se menos ocorrências do que se esperava de referências a textos que se fizessem segundo os moldes acima mencionados. Os dados em análise apontaram para o fato de que as citações, no material analisado, se fizeram de dois modos: num deles, as palavras do texto citado são identificadas às do texto citante (e vice-versa), numa relação de superposição entre um e outro; aparentemente, a presença de conteúdos imagéticos é predominante. No outro modo, as relações entre texto citante e texto citado se fazem de modo sequencial, não havendo identificação entre um e outro, mas diferença; há, nesses textos, preponderância de elementos conceituais.

Conclusões

A análise dos dados mostrou duas possibilidades para se considerar o trabalho com o discurso do outro, nas citações que de seus textos se fazem, segundo o valor de imagem que persiste nesse agenciamento: caso se trate de passagem que surge para a permanência, que insiste em imagem para ser idolatrada, a citação se faz como reverência, quando a relação entre textos se faz de forma metafórica; caso se trate de passagem que surge para desaparecer, para deixar seu traço, sua letra, para a produção de sentido, a citação se faz como referência, quando a relação entre textos se faz de forma metonímica.

Referências Bibliográficas

LACAN, J. “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud.” in *Escritos* (1966). Rio de Janeiro: Jorge Zaar Ed., 1998.
POMMIER, G. *Naissance et renaissance de l'écriture*. Paris: Presses Universitaires de France, 1993.

30 de outubro – 9h00: Enunciar é possível? O sujeito e a instituição EDITAIS DE CONCURSOS PÚBLICOS: DE ONDE E PARA QUEM?

Adriana Santos Batista

Objetivo

Discutir o que se toma como base para a escolha das obras a serem indicadas em editais de concursos públicos para professores de Língua Portuguesa e, a partir daí, verificar quais representações de professor formam-se por meio desses documentos.

Teoria mobilizada

Para a análise dos dados as teorias mobilizadas foram Análise do Discurso e a Psicanálise de orientação lacaniana.

Análise dos dados

Foram analisadas as indicações bibliográficas de editais de concursos públicos para professores de Língua Portuguesa (ensino fundamental II), de municípios da Grande São Paulo. Em alguns documentos, encontraram-se títulos que não correspondiam a nomes de obras existentes. Seguem os títulos desses livros da forma como foram escritos nos editais e a indicação segundo dados da Fundação Biblioteca Nacional (FBN)⁵:

1a. Leitura e intertextualidade (editais de 2003 e 2007)

1b. Leitura e interdisciplinaridade (FBN)
(KLEIMAN, Ângela Bustos; MORAES, Sílvia E. Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola. Campinas: Mercado de Letras, 2000)

2a. Linguagem e escrita: uma perspectiva social (editais de 2003, 2007 e 2008)

2b. Linguagem e escola: uma perspectiva social (FBN)
(SOARES, Magda Becker. Linguagem e escola: uma perspectiva social. São Paulo: Ática, 1997)

Apesar de os sons iniciais das palavras serem parecidos, os títulos criados não correspondem a nomes de obras existentes. As duas indicações, além de estarem presentes em editais de outros municípios de São Paulo, também podem ser encontradas em editais de RO e MS, o que indica que esses documentos tomam outros editais como base sem recorrer às obras. Com relação à representação de professor formada pelos editais, tem-se a de um profissional que, mesmo tendo como uma das funções ensinar a ler, não se aterá aos livros indicados.

Conclusão

O fato de editais se basearem em outros editais para a escolha das obras indicadas demonstra que há um esquecimento do próprio livro, que seus nomes são tidos apenas como imagens; não há também indícios de preocupação com o perfil de professor que se pretende contratar. Tem-se, portanto, uma atividade de cópia que acaba por descaracterizar a função dos editais, que seria a de descrever o perfil de profissional desejado em um determinado contexto.

Referências Bibliográficas

ENDE, Michael. *A história sem fim*. 8ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LACAN, Jacques. *Seminário 9. La identificación* (1961-1962). Inédito.
OSAKABE, Hakira. *Argumentação e discurso político*. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. In: GADET, Françoise. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 2ª edição. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

⁵ Fundação responsável pela atribuição de ISBN (International Standard Book Number).

30 de outubro – 9h00: Enunciar é possível? O sujeito e a instituição LÍNGUA E ACONTECIMENTO: OS SILÊNCIOS DA ESCRITA

Eugénia de Jesus das Neves

Objetivo

A minha pesquisa visa a analisar os efeitos dos empréstimos lingüísticos do Português no Tétum, uma das 16 línguas de Timor-Leste que foi definida como co-oficial em parceria com o Português. Essa mudança lingüística foi possível depois de um acontecimento marcante na história desse país que é o referendo de 1999. A mesma língua, por ser veicular inter-étnica falada pela maioria do povo, precisa ser desenvolvida, com ortografia própria adequada aos seus sons. Para isso foi estabelecido um padrão ortográfico com caráter legislativo. A escrita nessa língua permite observar os movimentos de vozes e silêncios imersos ao longo do tempo.

Teoria mobilizada:

A análise é baseada em teorias ligadas às *Políticas lingüísticas* e à *língua como mercado e como artefato*, à Análise de Discurso no que concerne a *discursos políticos*, à teoria de enunciação e à Psicanálise.

Análise de dados:

Dados retirados do jornal Suara Timór Lorosa'e, pag. 1, 16/2/09.

1	...fó koñecimento barak no mos informasaun ne'ebé iha relasaun ba Timor-Leste ho ASEAN	trecho publicado no jornal
2	...fó koñesimentu barak no mos informasaun ne'ebé iha relasaun ba Timor-Leste ho ASEAN	trecho de acordo com a ortografia padronizada
3	...dar conhecimentos e também informações relacionadas entre o Timor-Leste e os países asiáticos	tradução para o português

Os dados indicam os empréstimos do Português, sendo estes mais usados nos jornais em Tétum do Timor-Leste. Mostram também como são escritos na ortografia padronizada do Tétum.

Conclusão:

Com os acontecimentos que se deram ao longo destas últimas décadas, existe uma necessidade de registrá-los para que permaneçam na história de Timor-Leste, pois na oralidade acabariam se perdendo ou se modificando com o passar dos tempos. Neste sentido, a escrita na língua Tétum tem a sua importância por manter a originalidade das informações e transmiti-las para as futuras gerações.

Referências Bibliográficas:

ROSSI-LANDI, Ferruccio. *A linguagem como trabalho e como mercado: uma teoria da produção e da alienação lingüísticas*. São Paulo: Difel, 1985.

OSAKABE, Hakira. *Argumentação e discurso político*. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DUCROT, Oswald. Esboço de uma teoria polifônica de enunciação. In: *O dizer e o dito*. Tradução: Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes. 1987;

ENDE, Michael. *A história sem fim*. 8ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso, In: GADET Françoise, *Por uma Análise Automática do Discurso: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux* 2ª edição. Campus Editora da Unicamp, 1993

PÊCHEUX, M. *O Discurso, Estrutura ou Acontecimento*. Tradução: Eni Pulcinelli Orlandi, 1990.

POMMIER, Gerard. *Naissance et renaissance de l'écriture*, Paris: Presses Universitaires de France, 1993.

Decreto do Governo No 1/2004. *O Padrão Ortográfico da língua Tétum*. Jornal da República, Série 1 no 5.

30 de outubro – 9h00: Enunciar é possível? O sujeito e a instituição POLÍTICAS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA: MOVIMENTO E ESTAGNAÇÃO EM DOCUMENTOS OFICIAIS

Francisca Maria Soares dos Reis

Objetivo

Este trabalho tem como finalidade estabelecer correlações entre textos oficiais que direcionam a atuação dos professores no Brasil e no Timor Leste, a saber: os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) do 1º e 2º ciclos e o Currículo do 1º ao 6º ano do ensino básico do Timor-Leste.

Teoria mobilizada

Os fundamentos teóricos mobilizados nesta pesquisa têm como base Análise do Discurso e a Psicanálise de orientação lacaniana mais especificamente a noção do pai.

Análise Dos Dados

Trecho 1

A escuta e demais regras de intercâmbio comunicativo devem ser aprendidas em contextos significativos, nos quais ficar quieto, esperar a vez de falar e respeitar a fala do outro tenham função e sentido.

(Parâmetros curriculares nacionais 1º e 2º ciclos, p. 52)

Trecho 2

Intervém oportunamente (na sua vez, de acordo com o assunto e com a situação) espera que os outros acabem de falar para tomar a palavra..

(Currículo nacional do Timor Leste do 1º ao 6º ano, p. 61)

Os trechos dos PCNs (1) e do Currículo nacional do Timor Leste (2) exemplificam a semelhança entre os conteúdos de Língua Portuguesa do Timor Leste e do Brasil.

Com relação ao Currículo do Timor-Leste, na capa as informações estão escritas em Português e em Tétum, língua compreendida pela maioria dos timorenses, porém, no interior do documento, predomina a língua portuguesa. Em termos da lei base da Educação, o Tétum e o

Português são usadas como língua de ensino, mas apenas em poucas páginas há trechos escritos em Tétum.

Conclusão

Conclui-se que a estrutura e conteúdo dos textos são semelhantes, porém, no caso do Timor Leste, o Currículo não é adequado à situação social do país. A ausência do Tétum em um documento que tem por finalidade ser um guia para ensino de língua, indica a dificuldade do Tétum em se estabelecer como língua oficial nesse país.

É provável que o Currículo, assim como o país, ainda esteja numa fase de formação de identidade e por isso necessite de documentos, como os PCNs, para se construir. Fazendo uma alusão à Psicanálise, é possível pensar esse processo como a escolha de um pai, o prejuízo dessa escolha para o Timor Leste, no entanto, seria a impossibilidade de formular um texto próprio, adequado à situação cultural que de fato há no país.

Referências bibliográficas

Guia dos Professores do Ensino Básico no Timor-Leste, 1-6 ano, 2007

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1997.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, Françoise. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 2ª edição. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

30 de outubro - 11h00: A metalinguagem toca o dado? Recursos lingüísticos de Fantasia

TOTENS, PAI VIVO E PAI MORTO: PODERES ENCERRADOS NO SUBCONSCIENTE SOCIAL

Daniel Santos Silva

Objetivo

Entender a constituição e os modos de organização do discurso da comunidade Mumbuca em resposta às políticas públicas promovidas pelo governo estadual, empregadas na perspectivas do desenvolvimento econômico deste povo.

Teoria mobilizada

Para este estudo mobilizaremos conceitos pertencentes aos estudos de Freud, totem, pai vivo e pai morto. Usaremos também, a teoria de Karl Marx, vindas da sua obra, O capital. Como o corpus do trabalho é composto de discursos escritos (documentos oficiais) e orais (falas dos membros da comunidade), a Análise de Discurso norteará este trabalho, enfocaremos a relação do dito e não dito retirados de Eni Orlandi.

Análise dos dados

A Fundação Cultural Palmares é uma entidade pública vinculada ao **Ministério da Cultura**, instituída pela Lei Federal nº 7.668, de 22.08.88, tendo o seu Estatuto aprovado pelo Decreto nº 418, de 10.01.92, cuja missão corporifica os preceitos constitucionais de reforços à cidadania, à identidade, à ação e à memória dos segmentos étnicos dos grupos formadores da sociedade brasileira, somando-se, ainda, o direito de acesso á cultura e a indispensável ação do Estado na preservação das manifestações afro-brasileiras.

Dona Miúda: O governador vei aqui falá pessoalmente comigo, e disse que ninguém mexia comigo aqui dentro. (...) ninguém botava eu pra fora. (...) aqui na comunidade a pessoa produzi né! Produzi a galinha, o leitão uma hora, (...) produz uma vaquinha... Criá, também no meio do quilombola ninguém vai mexer mais, porque no meio ambiente ta feito até se cortar a criação de gado.

Ex-vereadora: Sim, nóisi conseguimos aprová uma lei que fosse distribuída cesta básica todo mês para todo mundo que é carente e não tem condição. Mas foi coisa pôca, com pôco dinheiro não dá pra fazê nada não, fizemo uma lei do dia religioso em matêro.

Conclusão

No trabalho tentamos expor as formas em que os membros da comunidade Mumbuca são entendidos pelo Governo do Estado do Tocantins, a partir de seus órgãos representativos. Dissemos que estando a nossa sociedade inserida sobre princípios jurídicos formuladas pelas classes dominantes a subserviência da nossa sociedade a tais leis torna-se um grande empecilho a mudanças. Notamos isso quando analisamos as ações dos membros da comunidade Mumbuca quando das leis puderam ser proponentes, pois quando detiveram este poder tão somente reproduziram e sustentaram as ações opressoras, propostas pela classe dominante.

Referências Bibliográficas

MARX, Karl. Para a crítica da economia política; Salário, preço e lucro; O rendimento e sua fontes: a economia vulgar, Introdução de Jacob Gorender; traduções de Edgar Malagodi... [et al.] – São Paulo, Abril Cultural, 1982.

FREUD, Sigmund. Totem e tabu e outros trabalhos. Rio de Janeiro, Imago, 1969.

ORLANDI, Eni, P. Analise de Discurso. Princípios & Procedimentos. São Paulo, editora Pontes, 2002.

**30 de outubro - 11h00: A metalinguagem toca o dado? Recursos
lingüísticos de Fantasia
ESCRITA E FANTASIA**

Margarete Fátima Pauletto Sales e Silva

Objetivo do trabalho

Verificar como se dá a mobilização da escrita em uma dissertação de mestrado que versa sobre letramento e em que medida o modo como seu autor se apropria dos conceitos acerca do letramento aponta para a produção de novos conhecimentos.

Discussão teórica

As teorias que servirão de suporte para as reflexões feitas neste trabalho serão a Análise do Discurso e a Psicanálise de Orientação Lacaniana.

Análise dos dados

Excerto um: dissertação um

A expressão letramento constitui-se na complexidade das funções da leitura e da escrita em um contexto determinado. Sua gênese está relacionada aos desafios sociais da contemporaneidade, oriundos das modificações no âmbito econômico, político e social [...]. Dessa forma, sua origem pauta-se na busca de uma palavra que exprima todas as relações intrínsecas aos sujeitos que fazem uso social e cultural da língua.

Excerto dois: dissertação um

Soares(2001) não extingue os aspectos sócio-históricos do conceito de letramento, ao contrário, reafirma que ele deve ser compreendido como um fenômeno de duas dimensões: a individual e a social. [...] Nesse sentido, a autora considera que letramento em sua dimensão social pode ser entendido como “o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e escrita, em um contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais.” (Soares, 2001, p.72)

Considerações

É possível observar por meio dos excertos aqui analisados que a pesquisadora utilizou termos constituintes de uma área como totem, ou seja, um amuleto para que a imagem do texto possa se sustentar razoavelmente em circulação. Desta forma, ela sustenta o que diz se protegendo em autores consagrados (autor-deus), se colando naquilo que já foi dito. Ao fazer isso, evita-se o debate e o questionamento, impedindo a apropriação do conhecimento, tanto para quem escreve o texto como para quem depois o lê, se configurando mais um trabalho de reprodução do que produção de “novos conhecimentos”.

Nesse modelo de pesquisa não há confronto, não se pergunta porque um discurso ocupa um lugar de poder. Apenas contribui-se para a manutenção da ordem posta e para a propagação do mercado livreiro.

Pesquisas que se limitam à reprodução contribuem e se apresentam como o fim da escrita. Entretanto, a História Sem Fim da escrita pode se perpetuar se os pesquisadores refizerem o caminho que Bastian fez para salvar Fantasia. Ele precisou criar e recriar soluções com muita coragem. Assim também os pesquisadores que terão que ter coragem de mergulhar nos dados e se deixar levar por eles, para criar novas soluções.

Referências Bibliográficas

GERALDI, João Wanderley. **Portos de Passagem**. São Paulo, Martins Fontes, 1991.

POMMIER, Gérard. **Naissance et renaissance de l'écriture**. Paris: Presses Universitaires de France, 1993.

30 de outubro - 11h00: A metalinguagem toca o dado? Recursos lingüísticos de Fantasia
APROPRIAÇÃO DE CONCEITOS DE ÁREA NA ESCRITA ACADÊMICA

Sulemi Fabiano Campos

Objetivo

Investigar como o conceito teórico de gênero do discurso de M. Bakhtin é apropriado por dois pesquisadores da área de Linguística na análise de dados de suas dissertações, selecionadas, do *Portal Domínio Público- CAPES*.

Teoria mobilizada

Bakhtin (2000); Geraldi (2003); Pommier (1993).

Análise de dados

Informante 1

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

*Os gêneros mudam conforme a esfera da atividade da comunicação. Cada esfera concebe um gênero apropriado a uma especificidade, correspondente a uma determinada condição de produção, que, por sua vez, corresponde a um certo estilo. Dada a condição específica para cada uma das esferas da comunicação verbal, elas produzem gêneros que são **relativamente estáveis, do ponto de vista temático, composicional e estilístico***". (SFC, 2003, p. 13)

ANÁLISE DO DADO

Temos como objetivo observar a correlação existente nos textos-objeto no que se refere à singularidade entre as propostas de pesquisas. Vejamos:

1 -TÍTULOS DOS TEXTOS-OBJETOS

A	Ensino de Língua x gramática: Pouco entendimento, muita contradição;
B	Transitividade em questão;
C	Verbos auxiliares: surge uma nova fórmula para o uso;
D	O uso dos pronomes pessoais na língua corrente do Brasil;

2- CORPUS DOS ALUNOS PESQUISADORES

A	Entrevistas (escritas) com professores;
B	Propagandas em revistas diversas;
C	Recortes de jornais e revistas;
D	Frases isoladas (ditas ou escritas por pessoas não identificadas);

*Observamos nos dados selecionados para a análise que apesar de os textos-objeto pertencerem a um mesmo gênero discursivo, isso não impediu o sujeito-aluno de expor uma individualidade. Percebemos que cada sujeito-aluno escolheu **um estilo para organizar a estrutura composicional do gênero, a começar pela escolha do título e do corpus da pesquisa**.*

Informante 2

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

*Sobre os gêneros discursivos, Bakhtin considera que são **tipos relativamente estáveis de enunciados e constituídos pelo estilo, forma composicional e tema***. (PRJ, 2007, grifos meus)

ANÁLISE DO DADO

A atitude de estranhamento da menina solicitando uma receita e não uma história ao ouvir “era uma vez...” demonstrou uma capacidade de distinção entre os dois textos, mesmo sem ter sequer pensado sobre o assunto. Esta introdução, ou melhor, enunciado, em princípio, especifica os clássicos infantis e não uma receita culinária, com suas partes básicas de “ingredientes” e “modo de fazer”. R reconheceu os estilos que compõem as organizações internas dos textos orais, as estruturas dos discursos que representam a adequação dos elementos da língua e a do próprio conteúdo, em suma, reconheceu os gêneros. (PRJ, 2007, grifos meus)

Conclusão

Apropriação de conhecimento está sendo entendida como a possibilidade de o pesquisador atingir os múltiplos sentidos, e não somente a informação de fatos determinados. É o gesto de apreender o conhecimento e, a partir disso, criar sentidos para os discursos que circulam em uma determinada época e formação discursiva. É a capacidade de criar estratégias para compreender o texto através de questionamento da bibliografia lida.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, M. O “discurso de outrem”, In: BAKHTIN, M., *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1999.
GERALDI, J. W. *Portos de Passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
POMMIER, G. (1993) *Naissance et renaissance de l'écriture*. Paris: Presses Universitaires de France.

**30 de outubro – 14h30: Alguém escolhe de onde enuncia? A
linguagem, o sujeito e o outro
RECONTO, UM LUGAR DE NEGOCIAÇÃO DE SENTIDOS
Andressa Cristina Coutinho BARBOZA**

Objetivo

Observar como as negociações de sentido estabelecidas entre o outro – adulto, professor – e a criança, durante a realização de recontos, podem ser percebidas por meio de atividades epilinguísticas.

Teoria mobilizada

Escrita (LACAN, 1975-6); *Simbolização* (POMMIER, 1993); *Estádio do espelho* (LACAN, 1966); *Epilinguismo* (GERALDI, 1997); *Repetição histórica* (ORLANDI, 1996).

Análise dos dados

Fragmentos de Nino (19/11/02 – 5;0) – 10/12/07 - História: O susto (2'30")

Ilustração 1 - Leitura

1. P. [...] que que você está vendo no primeiro quadrinho?	2. C. eles molhando a roupa
3. P. tá molhando quem? o que que é isso?	4. C. as flores
5. P. as flores... só tem ele molhando as flores?	6. C. ((a criança acena positivamente com a cabeça))
7. P. não tem mais ninguém? esse aqui quem é?	8. C. um menino
9. P. tem quantos meninos nesse quadrinho?	10. C. ((a criança mostra com os dedos a quantidade de dez))
11. P. tudo isso de menino (surpresa)? dez?	12. C. ((a criança permanece em silêncio))

Reconto

33. P. vamos contar desde o comezinho... aqui ó ((indica a ilustração 1))	34. C. tão tão tá molhando aqui as flores
---	---

Ilustração 3 - Leitura

17. P. aqui nesse quadrinho o que acontece?	18. C. ele tá tomando chuva
19. P. ele tá tomando o quê? ela tá molhando ele com o quê?	20. C. com o esguicho
21. P. o esguicho... ah: [...]	

Reconto

37. P. ah: e aqui? ((indica a ilustração 3))	38. C. ela tá molhando ele
--	----------------------------

Conclusões

As negociações de sentido que permeiam a relação entre o sujeito, o outro e a língua em uma interação dialógica são determinadas pelo contexto discursivo. Neste caso, a análise de textos produzidos durante uma situação didática (reconto) nos possibilita observar como estas negociações ocorrem em uma atividade que favorece a aquisição da escrita. Textos produzidos por crianças em alfabetização (5;0) nos oferecem a oportunidade de vislumbrarmos como ocorre a apropriação da linguagem pelo sujeito mediada pelo outro. Este processo de apropriação é marcado pelo assujeitamento da criança à fala do adulto, passagem necessária para que o sujeito possa firmar pacto com a cultura.

Referências Bibliográficas

FURNARI, E. *Cabra-cega*. 9. ed. São Paulo: Ática, 2003.
GERALDI, J. W. *Portos de passagem*. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
LACAN, J. (1966) O estádio do espelho como formador da função do eu. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
LACAN, J. (1975-76) A escrita do ego. *Seminário, livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.
ORLANDI, E. P. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1996.
POMMIER, G. *Naissance et renaissance de l'écriture*. Paris: Presses Universitaires de France, 1993.

30 de outubro – 14h30: Alguém escolhe de onde enuncia? A linguagem, o sujeito e o outro

A CRIANÇA PEQUENA E A ESCRITA DE SEU NOME: PERCURSO PESSOAL DE CONSTRUÇÃO SIMBÓLICA

Claudia Maria Barbosa de ALENCAR

Objetivo

As produções escritas de crianças pequenas apresentam formas que não possuem relação com o padrão convencional; o que acarreta na necessidade de recorrer à sua própria interpretação para que se compreenda o que escreveram. O objetivo deste trabalho é investigar de que modo as crianças pequenas interpretam as marcas gráficas que produzem, de modo intencional ou acidental, ao serem solicitadas para escrever seu nome próprio.

Teoria mobilizada

O campo teórico que embasa a pesquisa é a psicanálise de orientação lacaniana, cuja concepção é a de sujeito como efeito da linguagem.

Análise dos dados

Foram filmados, durante o ano de 2009, quatro sujeitos, com idade de três anos, na realização de uma mesma atividade: a escrita do nome próprio. O *corpus* é composto pela reprodução gráfica da escrita das crianças e pela transcrição de sua fala.

1º reg -09/03/2009: G. recorre às imagens do contexto e grafa os colegas por meio de bolas. Parece não compreender o sentido do enunciado “escreva seu nome”.

P: Guilherme, escreve pra mim o seu nome.

G: Num consigo.

P: Por que você não consegue?

G: Porque ... não consigo faz o nome de Bia

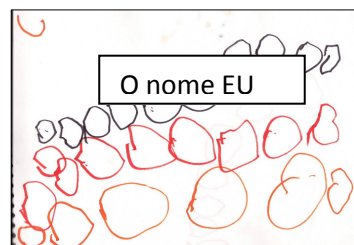
P: Tenta escrever.

G: Ah não!

G: Esse nome é a Lolô, Bia, Pietra.

P: Tá, mas e o seu nome? Escreve pra mim o seu nome.

G: Meu nome?



P: É, Como você chama?

G: Guilherme.

P: Então escreve Guilherme aí. Que que você escreveu?

G: O nome EU.

5º reg -16/06/2009: fala letras e grafa-as, com “bolas”. Depois faz a forma da letra “G” e diz seu nome.

P: E o seu nome, onde está?

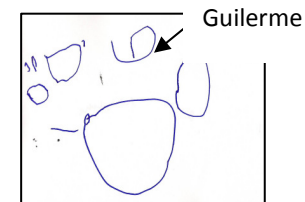
G: Meu nome tá aqui.

P: Então escreva o seu nome para mim.

G: G.

P: Hum, o que está escrito aí?

G: Guilherme.



7º reg – 03/09/2009: arrisca-se a grafar seu nome por meio de um rabisco e ao interpretar sua escrita fala o seu nome.

P: Guilherme, escreva seu nome para mim.

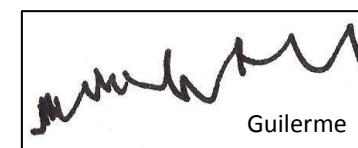
G: Ah, o meu nome?

P: É, o seu nome.

G: Pronto.

P: O que você escreveu?

G: Guilherme.



Conclusão

Até o presente momento, pode-se perceber que a instauração de uma dominância na linha associativa da criança, em função da tarefa que lhe foi solicitada, pode provocar uma importante mudança de posição naquele que está aprendendo a escrever.

Referências Bibliográficas

POMMIER, Gérard. *Naissance et renaissance de l'écriture*. Paris: Presses Universitaires de France, 1993.

LACAN, Jacques. (1957-1958). *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Texto estabelecido por Jacques Alain Miller; (tradução de Vera Ribeiro; revisão de Marcus André Vieira) – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

**30 de outubro – 14h30: Alguém escolhe de onde enuncia? A
linguagem, o sujeito e o outro**
**A ATIVIDADE DE REFORMULAÇÃO COMO FUNDAMENTO
PARA UMA PRÁTICA REFLEXIVA**

Márcia Romero

Objetivo

Nossa pesquisa, contrapondo-se a uma concepção de alteridade externa à língua, concebe o outro como primeiro em relação ao mesmo, encontrando-se ambos definidos a partir do arranjo e da combinação das formas linguísticas. Resultam daí concepções de sentido e de enunciação que divergem das comumente observadas, visto, na perspectiva por nós assumida, ser o sentido apreendido como o produto de um cálculo – deduzido das formas que o constroem – e a enunciação, trazida para o cerne do processo de significação, como o modo pelo qual as formas significam. Partindo das concepções assumidas, buscamos evidenciar uma outra estratégia de atividade de reformulação, atividade esta assimilável, não a uma definição, nem a uma retomada com o propósito de melhor esclarecer algo anteriormente dito, mas a “glosas”, a um trabalho de abstração. Fundamentada na desintrição do papel desempenhado, na construção do sentido de um enunciado, pelas unidades que o constituem, buscamos ainda mostrar que o trabalho propiciado por esta atividade pode ser altamente significativo para uma prática de natureza reflexiva, além de um prazeroso exercício de descoberta da materialidade linguística.

Teoria mobilizada

O trabalho, fundamentado na Teoria das Operações Enunciativas, quadro referencial elaborado por Antoine Culioli, leva em conta as concepções de “atividade epilinguística” e de “glosa”. Apoiamo-nos também em reflexões decorrentes dos encontros do GEPPEP durante a leitura e discussão da obra de POMMIER.

Análise dos dados

Um importante aspecto da análise deve ser aqui destacado. A posição que recusa todo e qualquer sentido externo ao material verbal não pode ser compatível com uma concepção de contexto como parâmetro distinto do próprio enunciado. Contextualizar, em nossas análises, não significa convocar, na interpretação, uma referência situacional; não significa explicar a significação a partir da observação do meio extralinguístico no qual um determinado enunciado é proferido. Se o contexto não mais se distingue do enunciado, é porque, em nossa abordagem, cabe ao próprio material verbal desencadeá-lo. Decorre daí uma unidade linguística cujo âmago é de natureza variável e definido pelo papel específico que lhe é atribuído nas interações das quais participa. O conjunto desta problemática será apresentado a partir de manipulações envolvendo glosas de unidades linguísticas pertencentes ao domínio verbal.

Conclusões

O posicionamento aqui adotado, por incidir diretamente sobre questões relativas à referência, à polissemia e à contextualização, aponta para procedimentos de manipulação do material empírico que se distanciam do trabalho habitualmente observado no domínio do léxico em sala de aula, pautado, sobretudo, em atividades de compreensão e (re)construção de texto nas quais se verificam inferências sobre o sentido da unidade lingüística a partir do contexto, este entendido de forma ampla, em sua natureza verbal ou situacional.

Referências Bibliográficas

CULIOLI, A; NORMAND, C. *Onze rencontres sur le langage et les langues*. Paris: Ophrys, 2005.
POMMIER, G. *Naissance et renaissance de l'écriture*. Paris: Presses Universitaires de France, 1993
ROMERO-LOPES, M. Gramática operatória e ensino de línguas. In. REZENDE, L.M. *et alli* (orgs). *Trilhas lingüísticas*, 13. Araraquara: FLC-UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2007.

**30 de outubro – 16h30: É impossível escrever feliz sozinho? O
sujeito, o outro e a escrita
O CORPO E A AQUISIÇÃO DA ESCRITA**

Marisa Assunção Teixeira

Objetivo

Tomando o caso de I que sofreu uma lesão cerebral que se configurou, no contexto escolar, como impedimento para ascender à escrita, dar a ver nesta etapa da pesquisa: 1º) os modos específicos do sujeito se relacionar com a linguagem a partir de sua experiência com conteúdos de Língua Portuguesa; 2º) quais intervenções do professor e educadores possibilitariam alterar o modo do sujeito se relacionar com a linguagem.

Teoria mobilizada

Acepção de escrita como sintoma. (POMMIER, 1996).

Leitura prévia de signos antecede a escrita. (ALLOUCH, 2007). Trabalho da escrita. (RIOLFI, ROCHA & ANDRADE, 2006).

As parcerias de trabalho produtivo na escrita. (RIOLFI & ANDRADE, 2009).

Análise dos dados

Cena 1: *Um corpo tutelado* (fragmento de gravação em vídeo, 2006).

A Estagiária de Pedagogia recita a música *A casa*, pega na mão direita de I para fazê-lo acompanhar a melodia apontando para cada uma das figuras.

Cena 2: *Sem negócio* (fragmento de gravação em vídeo, 2006). A Professora apresenta a I as figuras previamente recortadas, que representam idéias ou personagens da história *O leão e o rato* para que ele escolha numa sequência começo-meio-fim e registre através de colagem. I demonstra interesse em manipular a cola.

Cena 3: *A procura de uma imagem de corpo* (fragmento de gravação em vídeo, 2007). Em ciranda com os alunos da classe e ao som da cantiga *Caranguejo*, I dança e usa o corpo para fazer as marcações da melodia.

Conclusão

A análise dos dados demonstra que I relacionou-se de modo diverso nas situações didáticas apresentadas, interagindo com uma menor ou maior implicação subjetiva na tarefa. Na primeira cena, I dá indícios de ter-se sujeitado a um discurso de corpo lesado, oferecido pelo espelhamento das significações dos pais, familiares, médicos, professores, educadores, deixando-se conduzir na tarefa proposta. Na segunda cena, I oferece resistência ao ser conduzido no exercício, parecendo rebelar-se contra tais significações. Na última cena, I aceita o convite à exploração dos movimentos, embutido na cantiga de roda, assumindo uma posição ativa diante da tarefa, podendo se deslocar do discurso de corpo que precisa ser tutelado para um que tivesse contornos de fruição, corpo em júbilo, que dança.

Estas modulações subjetivas parecem estar vinculadas à possibilidade de o professor ter-se deslocado de uma posição de fazer em lugar de, deixando brechas para que I enganchasse sua própria lógica de pensamento. É neste ponto que se pôde vislumbrar a alteração da relação de I com a linguagem e com a discursividade de sua doença.

Referências bibliográficas

Allouch, J. A clínica do escrito. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2007.

Pommier, G. Nacimiento y renacimiento de la escritura. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1996.

Riolfi, C.R.; Andrade, E. Ensinar a escrever o texto acadêmico: as múltiplas funções do orientador. In: Trabalhos em linguística aplicada. Campinas, Jan./Jun. 2009.

Riolfi, C.R.; Rocha, A.R.; Andrade, E. O sujeito e o trabalho da escrita: perseguindo os meandros do ato de escrever. In: Linguagem e Educação, São Paulo: Editorial Humanitas, 2006.

**30 de outubro – 16h30: É impossível escrever feliz sozinho? O
sujeito, o outro e a escrita**

**A ARGUMENTAÇÃO EM TEXTOS INFANTIS: AS CONSTRUÇÕES
DO “EU” A PARTIR DO “OUTRO”**

Renata de Oliveira COSTA

[...] Mas para isso terá de esquecer a última coisa que
ainda lhe resta: você mesmo. E isso implica um trabalho
árido e paciente. [ENDE, 1993, p. 306]

Objetivo:

Partindo do pressuposto de que a linguagem é constitutiva do sujeito e
caracterizada pela argumentatividade, esse trabalho visa a observar como
crianças recém-alfabetizadas administram as imagens do outro e se
inscrevem em diferentes posições enunciativas, tendo por objetivo
convencê-lo, através do texto escrito.

Análise dos dados:

Manuscrito 1 (05/12/09):

SÃO PAULO, 5 DE 2008,
QUERIDO JESUS EU QUERIA
UMA JELADEIRA DE
BRINQUEDO UM BEIJO E UM
ABRACO
AMOR MONIQUE,
EU QUERO E SE PRESENTE
PORE MUITO LEGAU

Manuscrito 2 (31/03/09):

SÃO PAULO, 31 DE MARÇO DE 2009
MAMAE ANA
EU TAMBEM MUITO VAI DEIXA EU IR PARA O
PARQUE ECOLOGICO DA ESCOLA
PUREAVOR MAE EU TIADORO SIM
MÃO X MAE VAI DEIXA EU IR
E QUERO IR POR QUE E IMPORTANTE
VER OS BICHOS E IN PORTANTE
APRENDER SOBRE OS BICHOS
QUANDO EU TIVER NA 5ª SÉRIE
VOTEI PROVA SOBRE OS BICHOS
MAE TE AMO
MONIQUE

Manuscrito 3 (24/06/09):

São Paulo, 24 de junho de 2009
Mãe e Papai
Minho, melhor amigo o Potatcho
me convidou para ir ao zoológico
né que é eu e os responsáveis
por ela
Eu acho que vou aprender
muito sobre os bichos que não
pode maltratar os animais
Sou ficar muito feliz se
você deixar eu ir né que vou
ficar lá muito obrigada
tchau
Monique

Manuscrito 4 (10/09/09):

querido zezé
estou com saudades
temo uma surpresa para a senhora
a senhora quer casar de novo de semana
na minha casa? você vive no vizinho
litas os gatos os

Conclusão: A presença de marcas argumentativas em textos de alunos que
não receberam nenhum ensino específico para tal revela a importância de
se oferecer tarefas que incentivem a criança a abrir mão da sua
pessoalidade, para aprender a servir-se de um legado cultural.

Referências Bibliográficas

KOCH, I.G.V. *Argumentação e Linguagem*. São Paulo: Cortez, 2008.
OSAKABE, H. *Argumentação e discurso político*. São Paulo: Martins
Fontes, 1999.
POMMIER, G. *Naissance et renaissance de l'écriture*. Paris: Presses
Universitaires de France, 1993.

30 de outubro – 16h30: É impossível escrever feliz sozinho? O sujeito, o outro e a escrita

UM SUJEITO SEM OUTRO: O QUE SERIA DE BASTIAN SEM ATREIU?

Claudia Rosa RIOLFI

Em suma, de bela só haveria a escrita. Por que não?
(LACAN, J. 1975-76:67)

Pergunta norteadora: Quais traços dos grupos colaborativos (parcerias para a escrita) podem colaborar para a instalação do “rele-se”, função que, hoje, não é mais tão evidente?

Objetivo: A partir da constatação de que existe uma acentuada dificuldade, por parte de pesquisadores em formação, em instaurar o próprio texto como dimensão de alteridade, mostrar a necessidade do estreitamento das parcerias por meio das quais o sujeito pode encontrar sustentação para poder escrever.

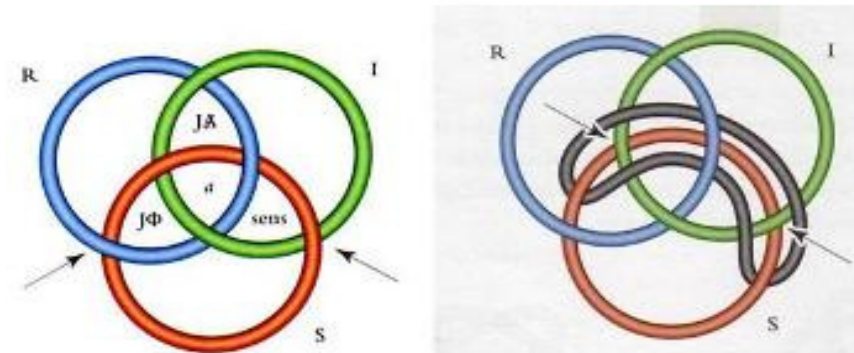
Teoria Mobilizada:

Jacques Lacan alterou os pilares de sua própria obra entre 1970 a 1981, quando construiu uma teorização que ficou conhecida como a *Segunda Clínica de Jacques Lacan*.

A principal mudança introduzida por ele foi abrir mão da primazia do simbólico a favor de uma tentativa de cortar atalho pelo real.

De modo apressado e incompleto, posto que já se encontrava em idade avançada, Lacan mostrou que, na sociedade atual, aconteceram mudanças importantes no regime da significação, gerando dificuldades de simbolização.

Ele passou da clínica da **substituição** para a clínica da **conexão**.



Clínica Edípica	Clínica além do Édipo
Na organização social, o pai organiza UM universo	Os pais se multiplicam e a sociedade é multi-versal,
Os padrões de comportamento são claros e rígidos	Sem padrões, há novas soluções e novos problemas
A psicopatologia é tripartite (Neurótico, Perverso e Psicótico)	As estruturas clínicas deixam de ser quadros estanques
As falhas são interpretadas como sintomas de problemas mal resolvidos no passado	As falhas são vistas como indícios da dificuldade de pensar com os pés
A referência é o sujeito dividido, ligado ao desejo inconsciente	A referência é o loquente dividido, ligado ao gozo do corpo
O tratamento é feito pela decifração. Volta-se ao passado.	Tratamento do futuro. O sujeito passa a suportar as próprias decisões no risco
O inconsciente justifica certa irresponsabilidade	Responsabilização pelo encontro e pelo acaso
O analista empresta sentido	O analista empresta consequência

LACAN, Jacques. 1975-76. O Seminário. Livro 23. **O Sinthoma**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

Leia mais: <https://twitter.com/riolfi>